



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH CAMPUS VI
LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

EUVÂNIA CAIRES DE SOUZA

**DRUMMOND E O MUNDO MODERNO: HISTÓRIA E POESIA EM “A ROSA DO
POVO”**

CAETITÉ-BA
2014

EUVÂNIA CAIRES DE SOUZA

**DRUMMOND E O MUNDO MODERNO: HISTÓRIA E POESIA EM “A ROSA DO
POVO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
como exigência parcial para a obtenção do
título de licenciado em Letras com Habilitação
em Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Kátia Pina da
Costa Pina

CAETITÉ-BA
2014

EUVÂNIA CAIRES DE SOUZA

**DRUMMOND E O MUNDO MODERNO: HISTÓRIA E POESIA EM “A ROSA DO
POVO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para a obtenção do
título de licenciado em Letras com Habilitação
em Língua Portuguesa da Universidade do
Estado da Bahia – UNEB, Campus VI.

Aprovado: ____/____/____

Prof^o. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina– UNEB
Orientador

Prof^o. Rozânia Magalhães – UNEB
Examinador

Prof^o. Ricardo Tupiniquim Ramos – UNEB
Examinador

CAETITÉ-BA
2014

Aos meus pais que sempre me apoiaram, incentivaram e pela compreensão. Aos meus irmãos e principalmente ao meu irmão Edivan (*in memoriam*) que compartilhou e esteve presente no início da minha caminhada. E aos demais familiares que me apoiaram em cada passo, em cada atitude tomada.

Acho que a dúvida, a inquietação, o questionamento contínuo são, para o artista, algo muito salutar. Desconfio de todo aquele que tem a certeza de estar construindo uma grande obra. (Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

Ao meu maravilhoso Deus, pela força, saúde, paz, alegria e principalmente fé.

Aos meus pais Lúcia e Miguel, que me ajudaram a dar os primeiros passos em busca do conhecimento.

Aos meus irmãos, pelo carinho e pela compreensão.

À minha amiga Delma, que me ajudou nos momentos difíceis da caminhada.

À minha amiga Edva, pelo apoio e pelos sinceros empurrões quando me faltava força para continuar.

Às minhas queridas colegas e amigas, Carmem, Marina, Lucinalva, Thaís, Sayonara, Iris Polyana, Josenete e Eliene, que me motivaram e muitas vezes buscaram me passar mensagens de incentivo.

Ao professor Edmilson Sena, pelo carinho, empenho e dedicação.

Ao professor Ricardo Tupiniquim, pelo apoio.

À professora e orientadora Patrícia Kátia da Costa Pina, que buscou a cada momento passar seus conhecimentos e é um espelho de determinação e perseverança.

Aos demais professores desta instituição de ensino, que sempre acrescentam valores significativos às nossas vidas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MODERNISMO E DRUMMOND: DRUMMOND E O MUNDO MODERNO.....	12
2.1 A ROSA DO POVO NO MODERNISMO BRASILEIRO.....	14
2.1.1 ENFOQUE HISTÓRICO.....	19
3 A VISÃO DRUMMONDIANA DE UMA SOCIEDADE POR MEIO DOS POEMAS: A FLOR DE NÁUSEA E ANÚNCIO DA ROSA.....	26
4 LENDO POESIA, LENDO DRUMMOND.....	33
5 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

RESUMO

Este trabalho procura discutir como é construída a relação entre história e matéria poética na Coletânea “A Rosa do Povo” (1945) de Carlos Drummond de Andrade, e como se dá esse paralelo com o contexto histórico da época. E nesse aspecto, o foco principal é a análise dos poemas “A Flor e a Náusea” e “Anúncio da Rosa”, que estão incluídos na obra. Obra, para a qual o poeta envolvido com seu tempo, traz uma manifestação cheia de tristeza, diante de um momento marcado por situações de tensão histórica, com grande impacto na vida dos brasileiros. Ocasionalmente o poeta faz uma relação necessária aos acontecimentos da época. É nesse sentido que compreende como a literatura é um instrumento de luta e denúncia que ajuda na reflexão de questões voltadas ao nossa realidade. Percebe-se que os poemas oferecerem uma ponte com os acontecimentos da nossa própria existência. Nesta perspectiva, drummondianos contribuem para a nossa vida, uma vez que sua leitura leva a pensar em acontecimentos políticos, econômicos e sociais que são tratados e dessa maneira podemos ver de formas diferentes o estar - no- mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade. Poema. História. A Rosa do Povo.

ABSTRACT

This paper discusses how the relationship built between history and poetic material in the Collection "The Rose of the People" (1945) by Carlos Drummond de Andrade, and how is this parallel with the historical context of the time. And in this respect, the main focus is the analysis of the poems "The Flower and the Nausea" and "Announcement of the Rose", which are included in the work. Work, for which the poet involved with your time, brings a sorrowful event, before a time marked by historic tension situations, with great impact on the lives of Brazilians. Occasionally the poet makes a necessary relation to the events of the time. It is in this sense that understands how literature is an instrument of struggle and complaint that aids in reflection of the issues facing our reality. It is noticed that the poems offer a bridge to the events of our own existence. In this perspective, Drummond contribute to our life, since his reading leads to thinking about political, economic and social events that are treated in this way and we can see in different ways to be - in the world.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Poem. History. The Pink People.

1 INTRODUÇÃO

Na época da publicação do livro *A rosa do povo* (1945), terminava a Segunda Grande Guerra. Simbolicamente, a rosa que assustou a todos, no ocidente e no oriente, foi à bomba atômica. Drummond traduz essa perplexidade em seus poemas. Como afirma Lins (apud ANDRADE, 2007, XLVII), nesse livro o poeta mineiro engajou-se poeticamente nas mudanças acarretadas pelo conflito mundial, compreendendo o homem e a sociedade, a partir do caos consequente aos desmandos de Hitler e dos demais líderes e povos envolvidos nessa imensa crise.

Nesse sentido a obra funciona como reflexão acerca da opressão que marcou o período da segunda guerra, resultando em uma visão dolorosa e penetrante da realidade que predomina nos poemas. A literatura é comprometida com a denúncia da ascensão do nazi-fascismo. A consciência do tenso momento histórico produz indagação filosófica sobre o sentido da vida.

Partindo disso, procurei trabalhar com Drummond, enfocando poemas que tratam de uma realidade específica: a que se constrói pelo nazi-fascismo, marca da Segunda Grande Guerra. O autoritarismo e a dor humana que ressaltam na voz do eu lírico representam uma maneira de discutir não a Guerra, mas suas pequenas e cotidianas consequências.

Dessa forma, os temas dos seus poemas emocionam, fazem pensar e refletir sobre o mundo conflituoso. Uma primeira leitura da obra drummondiana, já começa a revelar e compreender o processo criador do autor, pois o poeta quase sempre mantém a posição de espectador e crítico de seu próprio drama sentimental.

Sob o mesmo ponto de vista o poeta representa o ser humano em crise em relação ao conflito social, o espaço onde se expressa o indivíduo e as suas limitações face aos outros e ao mundo. Em meio a muitas possibilidades de recorte de análise, optei por duas temáticas: o compromisso social e a solidariedade com o homem de seu tempo, este vítima da guerra e da ditadura, a qual Drummond denuncia, através da reflexão sobre a estupidez do mundo, a instabilidade, miséria e o indivíduo "um eu todo retorcido". O indivíduo na poesia de Drummond é complicado, torturado, estilhaçado. Como o homem comum, durante a 2ª Guerra Mundial.

Nesta perspectiva, Drummond percebe a lamentável realidade social e surge a situação de conflito eu – mundo na tentativa de autocompreensão. É a partir dos seus poemas que o poeta elabora esse processo onde o eu se depara com o mundo conflituoso e desumano. De fato ele tematiza a relação, eu/mundo, apresentando passado e presente, ou

seja, o poeta procurava entender os acontecimentos daquela época e seus reflexos na vida do ser humano. É dessa forma que os problemas que o autor aborda sobre o mundo são expostos nos versos dos poemas.

Nesta monografia, estudo principalmente dois poemas “A Flor e a Náusea” e “Anúncio da Rosa”, inclusos no livro *A Rosa do povo*. Para tanto, busquei fundamentos na história da literatura, a partir de dados sobre o movimento Modernista. Discuti, também, a linguagem literária, especialmente a linguagem poética. Analisei os poemas, buscando relações intertextuais e interculturais.

Nesse processo, “escutei” Drummond (2007, p.45): escrever poemas é transformar em luz própria a sombra que o mundo exterior deita na alma do poeta. E a poesia de Drummond é reflexo de uma grande angústia e índice de tensão dramática, de conflitos não resolvidos.

Este trabalho visa mostrar como a obra drummondiana procura refletir a relação entre eu e o mundo, a conscientizar, comover e transformar qualquer situação conflituosa, ressaltando que a ideia de uma poesia com esses aspectos é importante em qualquer época, além disso, é possível interpretá-la e fazer uma ponte com a realidade atual.

Nessa perspectiva, o leitor de poemas pode estar atento, pois, os dois poemas analisados de Carlos Drummond proporcionam uma visão de mundo crítica e trazem o leitor para uma conversa provocativa. Diante do primeiro contato com os poemas de Drummond percebi que ele tinha esse cuidado, ou melhor, teve uma preocupação com o homem e o mundo. Drummond buscou escrever em seus poemas os problemas que afetavam aquela época, cujas consequências e cujos desdobramentos estão presentes nos dias de hoje.

2 MODERNISMO E DRUMMOND: DRUMMOND E O MUNDO MODERNO

A escrita poética tem fundamentos nos princípios de sensibilização e humanização da capacidade crítica e reflexiva do poema com o humano. Ao compor poemas, o escritor se preocupa com as questões da realidade social do indivíduo, que permanecem presentes no mundo contemporâneo e nos problemas do homem atual. As relações poéticas sociais e políticas mostram a consciência da existência de outros homens, e o que interessa ao poeta Drummond é o tempo presente em que se acha inserido e os homens que o cercam. Portanto, qualquer poema drummondiano aborda temas sociais e políticos, mais ou menos explícitos, mais ou menos mascarados pelos recursos da linguagem poética.

De acordo com Santiago (1976, p. 86) a poética de Drummond é autorreflexiva, questionadora das sociedades em que vive o homem contemporâneo, criando elos com o histórico e o cultural. Para tanto, o poeta enfoca situações e dramas corriqueiros e banais, intrépidos e corajosos, desenhando no papel, pela interpretação do poema, as luzes e sombras do dia a dia e ressaltando a intensidade e importância da experiência do homem comum na construção de um mundo mais justo e mais digno.

Contudo, a realidade social faz parte da realidade geral, do mundo das sociedades, homens, bichos, coisas, objetos de toda espécie, daquele mundo que nos rodeia e limita, dando ao indivíduo a medida de sua solidão e a medida de sua capacidade de criar novas realidades. Drummond escreve desde a primeira metade do século XX: ele escreve no e o Modernismo brasileiro.

O Modernismo foi um movimento literário resultante de contradições pelas quais a sociedade passou após a Primeira Guerra Mundial. Tendo um cenário de inquietações e questionamentos que se organizava através da Semana da Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, sendo este um movimento artístico social e político que aconteceu em fevereiro de 1922, que por sua vez desencadeou o Modernismo. A Semana de Arte Moderna está relacionada aos movimentos de vanguardas que ocorreram na Europa, sendo estes alguns dos reflexos provocados na arte e na literatura pelos avanços decorrentes da Segunda Revolução Industrial. No Brasil acontecia o primeiro período republicano envolto nas primeiras greves e lidando com as consequências de inúmeras revoltas finis seculares, inclusive a campanha de Canudos.

Nesse contexto, o principal objetivo do movimento modernista foi destruir as formas obsoletas, instaurando uma nova ordem literária. Afrânio Coutinho (1990, p. 24) afirma que:

A literatura moderna, no Brasil, é o que se denomina o Modernismo, termo que se fixando na historiografia literária para designar o período estilístico inaugurado com a Semana de Arte Moderna (1922) e vindo até os dias presentes. Modernismo, assim, não é apenas o movimento restrito à semana de 1922, mas abrange toda a época contemporânea.

Pelo que foi exposto acima, percebe-se que o Modernismo vai além da Semana de Arte Moderna, que o inaugura oficialmente, pois este movimento faz parte de todo o século XX. Em virtude disso, a literatura no Brasil é marcada pela recepção de correntes europeias que representavam na literatura a reflexão do artista sobre a realidade política e social.

Os fatores políticos e sociais agregaram seus valores na estética modernista. Reunindo artistas, pintores, músicos e escritores que pretendiam trazer as influências das vanguardas para a cultura brasileira, essas correntes tinham radicalizado e transfigurado a herança do Realismo e do Decadentismo. Dessa forma, Candido (1985, p.85) afirma que,

O modernismo foi um movimento de ideais e não somente das letras que modificou profundamente a arte e o pensamento. O modernismo foi uma fase de ruptura que destruiu antigas estéticas no mundo da arte. A literatura no Brasil passou a ser voltada para as raízes nacionais, e a ideologia da época estava direcionada em relação o homem e a sociedade. Também chamada de neorrealista, a fase do modernismo retomou parcialmente as ideias do naturalismo, mas considerando o homem como um ser de conflitos.

O Modernismo engloba diferentes correntes estéticas, todas elas marcadas pelo desejo de romper com o passado. Além do mais, esta corrente literária é dividida em gerações, em que a segunda geração modernista, conhecida também como Geração de 1930, firmou-se em um período de conflitos ideológicos em período de guerras. Todavia a literatura passou a ser mais voltada à realidade social brasileira, preocupado com os problemas da alma humana e da convivência social. Como salienta Bosi, (1936, p.409).

A Semana da Arte Moderna foi um acontecimento e uma declaração de fé na arte moderna. O ano 1930 evoca menos significados literários prementes por causa do relevo social assumido pela República Velha que ele pretendia superar e, em parte, superou; e tendo esse movimento nascido nas contradições da República Velha e tanto suscitando em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, fincou fundo a nossa literatura lançando-a um estado adulto e moderno perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescentes.

Nesse sentido a Semana de Arte Moderna quis trazer a reflexão sobre a realidade brasileira sociopolítica do início do século XX que se estende de 1930 a 1945, sendo um período rico na produção poética e também na prosa. O universo temático se amplia e os

artistas passam a preocupar-se mais com o destino dos homens, ou seja, enxergando dessa forma o outro como um ser que está no mundo e precisa ser visto.

Nessa perspectiva surgiram escritores amadurecidos nos anos 30, como: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Cecília Meirelles e Murilo Mendes, além do nosso poeta, Carlos Drummond de Andrade. Esse novo quadro de escritores atribuiu poética e narrativamente diferentes traços à sociedade, evidenciando um momento de liberdade de expressão.

O intuito literário (e, claro, simbolicamente político) desse movimento consistia no questionamento social e individual do eu e do estar-no-mundo. Essa segunda fase modernista foi marcada por bons poetas. Bosi (1936, p. 412) posiciona-se da seguinte forma,

Esses autores que estrearam, em torno desse divisor de águas continuaram a escrever até hoje dando às vezes exemplo admirável capacidade de renovação. Ou seja, alguns destes ainda sabem responder as inquietações do leitor jovem e exigências a procura de uma palavra carregada de húmus moderno e, ao mesmo tempo, capaz de transmitir alta informação estética.

Assim, nota-se que os autores que fizeram parte da segunda geração modernista buscavam a expressão universal, recuperação de valores tradicionais, além de apresentar uma literatura de denúncia das condições humanas. Carlos Drummond de Andrade fez parte desta geração do modernismo brasileiro, e foi um dos que procuraram trazer em seus poemas reflexões sobre o papel do homem no mundo, o conflito social, a família e os amigos, a existência humana, a visão sarcástica do mundo e das pessoas. Desse modo, o poeta marcou não só a literatura brasileira, mas também a vida cotidiana de muitas pessoas, com suas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*.

2.1 A ROSA DO POVO NO MODERNISMO BRASILEIRO

Carlos Drummond de Andrade nos faz refletir sobre acontecimentos vividos, que só o poeta sabe expressar por meio da escrita poética. Dessa forma, faz-se necessário enfatizar a importância do contexto histórico dentro do livro *A Rosa do Povo*, em cujos poemas Drummond manifestava um sentimento de angústia e denúncia.

E nesse sentido, Teles (1971, p.66) afirma que a Guerra Fria inicia-se por um período de calamidade e desastres, início da Primeira Guerra, até pouco depois de 1945, final da Segunda Guerra, conseqüentemente o mundo sofre perturbações profundas, ou seja, quando o avanço nazifascista recebia duros golpes, sobretudo em território soviético, as derrotas

impostas pela Resistência ao Eixo Roma-Berlim-Tóquio revigoravam a participação mundial contra o universo de valores fascistas. Isso se refletia, certamente, nas artes.

Na Europa, a literatura lamentava as perdas humanas e as cidades destruídas, exaltava as formas de resistência e construía novas formas de sentimento patriótico¹. No Brasil, a Segunda Guerra encontrou, em seu início, a Ditadura Vargas. A repercussão nas artes foi grande: houve uma politização dos intelectuais, o que viabilizou intensos debates sobre a realidade brasileira, os quais foram representados, de variadas formas, pela literatura².

Diante desses acontecimentos, Drummond escreve seus poemas marcados pelos sofrimentos dos homens do seu tempo, sofridos pela guerra, por uma fase intensa, mas breve, de uma esperança que nasceu sob resistência do mundo livre à fúria nazifascista, mas que logo se retraiu com o advento da Guerra fria. A civilização que se forma sob os nossos olhos é fortemente amarrada ao neocapitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, o que tocou dura e secamente no eu artístico do poeta.

O livro *A Rosa do Povo* foi destaque nessa época, pois, além de se tratar de uma coletânea voltada para o registro de fatos históricos, conseguiu ultrapassar esse momento, alcançando todas as épocas e lugares em que ocorreram a luta contra a opressão do indivíduo. A princípio, os poemas desse livro foram escritos, em sua maioria, entre os últimos anos da década de 1930. Sendo uma época de fortes acontecimentos sociais: o período entre guerras na Europa e o Estado Novo de Vargas no Brasil.

Dessa maneira, um dos principais acontecimentos poéticos do ano 1945 foi sem dúvida a publicação de *A Rosa do Povo*: os poemas publicados estabelecem uma relação dramática, tensa, entre si. Trata-se de poemas que relacionam o conflito e a paz, suas causas, suas consequências. Nesse sentido vigorava um plano de harmonia e ajustamento à consciência política do homem e a arte do poeta. Como afirma Candido (1970, p.103),

Sintetiza momentos da obra *A Rosa do Povo* de Drummond da seguinte forma: num primeiro momento, a poesia de Drummond estaria caracterizada por certo reconhecimento do fato, que traduz numa atitude descritiva, inventariante por assim dizer, do mundo interno e do externo, garantindo ‘a validade do fato como objeto estético bastante em si, nivelando fraternalmente o Eu e o mundo como assuntos de poesia’; num segundo momento, no entanto, ocorre como que um desnivelamento entre o Eu e o mundo, que passa a produzir um movimento pendular daí por diante caracterizador da obra. ‘Se aborda o ser, imediatamente lhe ocorre que seria

¹ Informação retirada no site: <http://www.dw.de/a-literatura-na-primeira-guerra-mundial/a-17606784>.

² Informação retirada no site: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=definicoes_texto&cd_verbete=12178&lst_palavras.

mais válido tratar do mundo; se aborda o mundo, que melhor fora limitar-se ao modo de ser?.

Vale ressaltar que os três momentos do poeta em questão – o eu do artista diante dos conflitos encontrado perante o mundo, eu menor que o mundo, eu maior que o mundo e eu igual ao mundo – podem ser lidos em relação ao conflito mundial, às ditaduras brasileira e europeia. Destaco, nesta monografia, o eu do poeta menor que o mundo, ou seja, aquele que assume como tema a política, a guerra e o sofrimento do homem em uma poesia social, que é marcada pela impotência do homem, diante de um mundo frio e cáustico.

Candido (1970, p.106) propõe,

Este espírito da época reflete-se na poesia de Drummond. Nota-se a presença da angústia sobre o destino da humanidade, a incerteza sobre a efemeridade da vida, a dúvida sobre o caráter benevolente do ser humano e uma relativa obscuridade. Por meio de um tom social, o poeta expõe os absurdos, onde as rimas não são propriamente soluções, mas expressões, ora irônicas, ora angustiadas, do espírito de seu tempo.

Dessa forma se constrói o drama de um revolucionário que desejou permanecer ao mesmo tempo fiel às exigências da sua arte e de um ser humano que deseja identificar-se com os problemas populares sem o abandono de sua personalidade artística.

O sentido revolucionário da poesia de Drummond não é aquele que leva a arte a penetrar nas massas, a exaltá-las, a ajudá-las a ter consciência das próprias misérias e necessidades, mas aquele que transfigura o sentimento de insatisfação e revolta, para que possa comover as chamadas elites intelectuais: “O autor da obra *A Rosa do Povo* e Castro Alves é em toda a nossa literatura os dois poetas que produziram obras de mais definido conteúdo social e tendência revolucionária.” (LINS apud ANDRADE, 2007, XLVII-XLVIII). Nesse sentido, os poemas de ambos são bem parecidos, pois criam sua escrita tirando do povo a inspiração poética e devolvendo ao povo o poema construído numa forma relativamente popular, em Carlos Drummond de Andrade observa-se a inspiração de alguns temas populares com a estrutura já deformada pela visão original do poeta.

A segunda fase do poeta que é chamada fase social, é marcada pela vontade do poeta de participar e tentar transformar o mundo, o pessimismo e o isolamento. Drummond se solidariza com os problemas do mundo, sem se distanciar, deixa-se envolver pela realidade à sua volta e a solidão em um mundo corrosivo, frio e político; a decepção e a falta de perspectiva diante da desunião causada pela guerra; o sofrimento e a solidariedade do ser humano brasileiro e universal.

Nessa perspectiva Coutinho (1964, p.11-12) aponta que,

Essa fase enriqueceu sua essencialidade lírica e emocional, e, através da profunda consciência artística, o poeta atingiu a plenitude, a civilização, a humanização, sob uma forma suave e terna, em que o Drummond mergulha no lençol profundo de sua província e de seus antepassados, para melhor compreender a máquina do mundo, a angústia de seu tempo, o desarvoramento do homem contemporâneo, com um largo sentimento de fraternidade.

Sendo assim, Carlos Drummond de Andrade inicia sua atividade intelectual num momento em que se discutem as bases de um Brasil moderno, que vinha se preparando para surgir desde o fim do século XIX. Vivendo um período de intensas mudanças, em todos os níveis da sociedade, o poeta expressou seu tempo com a força e a sensibilidade de um lirismo consciente, crítico e, muitas vezes, irônico. Mas apesar de começar a se manifestar em meio à imensa riqueza poética do modernismo brasileiro, sua lírica vai aos poucos assumindo um caminho próprio, independente de qualquer movimento literário, onde Drummond mostra-se como afirma Coutinho (1964, p.11-12),

[...] um poeta extremamente individual, extraído do mais íntimo de um ser a nenhum outro similar às notas de puro lirismo, é, por outro lado, por influência de sua circunstância Itabira, das vivências acumuladas na infância bem brasileira, que lhe escorre da alma esse canto, identificando com o que de mais alto já produziu a alma de seu povo.

Dessa forma, Drummond traz dois estilos de poesia, metafísica e objectual. A poesia metafísica afasta-se da ótica sociológico-realista e da representação social-concreta, o poeta volta-se para um simbolismo abstrato. Seu lirismo filosófico reveste-se de um “classicismo moderno”, em que o poeta concentra-se na escavação do real, mediante um processo de interrogações e negações que acabam revelando o vazio existencial. O mundo apresenta-se como um vácuo atormentado, abolindo toda a crença e negando toda a esperança possível. Uma vez que Candido (1970, p.120-122).

Na obra de Drummond, a força dos problemas é tão intensa que o poema parece crescer e organizar-se em torno deles, como arquitetura que os projeta. Daí o relevo que assumem e a necessidade de identificá-los, através do sistema simbólico formado por eles. A partir deles, por exemplo, é que podemos compreender um dos aspectos fundamentais de sua arte, a violência.

Sendo assim o livro *A rosa do povo* foi escrito em um momento social turbulento, tendo em vista a segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e a bomba atômica. O mundo mergulhava em uma disputa ideológica envolvendo capitalismo e comunismo que, para além das diferenças entre as duas ideologias, revelavam os meandros dos regimes de força que as sustentavam. Para um poeta como Drummond, que sempre lutou pela liberdade, a percepção dessa identidade entre regimes ideologicamente tão distintos conduzia à perplexidade e ao pessimismo. De acordo com Candido (1995, p.112-113).

No livro o poeta não põe em dúvida à integridade do seu ser, a sua ligação com o mundo, à legitimidade de sua criação aborda o ser, imediatamente lhe ocorre que seria mais válido tratar do mundo; se aborda o mundo, que melhor fora limitar-se ao modo de ser. E a poesia parece desfazer-se como registro para tornar-se um processo. Nota-se um peso de inquietude nessa fase da poesia do autor, ‘que a faz oscilar entre o eu, o mundo e a arte, sempre descontente e contrafeita’.

O poeta escreve uma obra de maior expressão do lirismo social modernista, ou seja, o nosso grande poeta é resultado de uma integração entre a emoção e o desejo de interpretar o mundo. Integração responsável pelo nascimento de uma significação que, ao revelar o mundo, revela o sujeito que o considera poeticamente, unindo-se, mais nitidamente, o emocional e o reflexivo, logo que Candido (1970, p.108-109).

A poesia de Drummond é o encarar os monstros mais feios, os demônios subterrâneos, que inserem a miséria na existência, fazendo-se sentir ‘infugível’ de si mesmo – Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se no ar, constelado de problemas e estabelecendo o mal estar do indivíduo que resulta no mau estar do mundo.

Nessa perspectiva, *A Rosa do Povo* foi considerada uma obra importante, pois foi escrita em uma época sombria, que reflete um tempo não só individual, mas coletivo no país e no mundo. Nesse sentido Drummond capta o sentimento e as dores, agonia de seu tempo, por certo o contexto histórico daquela época marca não só a obra mais a vida. Vale ressaltar que o poeta inicia sua produção no período de opressão e tristeza mundial, em que trouxe em sua obra fatos históricos de que foi marcantes em sua vida, tal ponto que a história, a poesia e o desenvolvimento da literatura são partes do processo histórico geral da sociedade. Portanto, o Modernismo não estava só na arte, mas também nas mudanças do mundo, e Carlos Drummond de Andrade por fazer parte do modernismo o seu eu lírico estava expresso na sua obra e nos seus poemas.

2.1.1 ENFOQUE HISTÓRICO

A *Rosa do Povo* foi escrito no período de 1943 a 1945, marcado pela turbulência da II Guerra Mundial, período de horrores, medo, mortes, bem como do despertar para os direitos humanos e a indignação com as atrocidades que os homens são capazes de fazer. Pois, trata-se da fase final da guerra correspondente à reação das tropas aliadas, Estados Unidos, União Soviética frente ao Nazismo, tal qual Schafransk (2003, p.40),

Ao emergir da segunda guerra mundial, após três lustros de massacres e atrocidades, iniciado com o fortalecimento do totalitarismo estatal dos anos 30, a humanidade compreendeu, mais do que em qualquer outra época da História, o valor supremo da dignidade humana. O sofrimento como matriz da compreensão do mundo e dos homens, segundo a lição luminosa da sabedoria grega, veio aprofundar a afirmação histórica dos direitos humanos.

Em terras brasileiras, nesse mesmo período, verificava-se grande insatisfação da classe média e das elites intelectuais com a ditadura de Vargas. O descontentamento, alimentando-se do clima de luta por liberdade que corria o mundo, buscava objetivos democráticos para o país, uma vez que, desde 1937, Getúlio Vargas havia fechado o Congresso Nacional e instituído um regime de censura e de perseguição aos opositores, em seguida Rossi (2014, p.4).

Ainda em 1935, Vargas declarou Estado de Sítio e, posteriormente, Estado de Guerra, dando início à perseguição política aos partidários do movimento comunista. Em 1937, promoveu um golpe de Estado, dissolvendo o Congresso e outorgando uma nova constituição. Decretada a dissolução dos partidos políticos e publicado o Código de Imprensa, estavam, assim, instauradas a ditadura e a censura.

A esse governo, estabelecido por vias golpistas, denomina-se Estado Novo: implantado no país sob a prerrogativa de defesa de ameaças de golpe comunista. No Estado Novo, o país passou por uma crise de identidade, neste período houve mudanças na economia, na política e na cultura.

Uma nova constituição foi redigida por Francisco Campos, aliado político de Getúlio Vargas, esta por sua vez tinha forte inspiração nas constituições italiana e polonesa que foram deliberadamente fascistas, a nova constituição pleiteava legalizar o golpe.

Tendo em vista sua inspiração a nova constituição ficou conhecida como Constituição Polaca e esta ampliou os poderes presidenciais, dando a Getúlio Vargas o direito de intervir

nos poderes Legislativo e Judiciário, bem como, a indicação dos governadores estaduais. Esta constituição foi publicada em 10 de novembro de 1937 no Diário Oficial da União, a partir de sua promulgação, foi declarada situação de emergência em todo território nacional, o que significava que era permitido ao Estado ordenar prisões, exílio, invasão de domicílios e a legalização da censura de todas as formas de comunicação.

Para isso, o Estado Novo contava com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão responsável pelo controle dos meios de comunicação e pela propaganda favorável ao presidente e ao governo, e com a Polícia Secreta, encarregada da repressão violenta aos chamados “inimigos da ordem pública”.

O DIP possuía setores de divulgação, radiodifusão, teatro, cinema, turismo, imprensa e literatura social e política. Cabia-lhe coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa, fazer a censura ao teatro, cinema e funções esportivas e recreativas, organizar manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições, concertos musicais, conferências e projetos monográficos sobre a História do Brasil, estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo. (PASCHOAL, 2014, p.5).

No que tange às suas principais medidas, o “Estado de compromisso” foi uma das principais medidas do Estado Novo, quando se criaram mecanismos de controle e vias de negociação política responsáveis pelo surgimento de uma ampla frente de apoio a Getúlio Vargas, uma vez que Vargas não tinha interesses agrários e industriais, conforme Fausto (1994,p.113).

Vitoriosa a revolução, abre-se uma espécie de vazio de poder, por força do colapso político da burguesia do café e da incapacidade das demais frações de classe para assumi-lo, em caráter exclusivo. O Estado de compromisso é a resposta para essa situação.

No “Estado de Compromisso”, Getúlio Vargas deu início a uma intermediação dos interesses de vários grupos políticos. Pode-se observar que os grandes cafeicultores foram atendidos pelo governo através do Conselho Nacional do Café, criado com o objetivo de aprimorar o plantio do café e, principalmente, estabelecer o controle dos preços do produto no mercado externo.

Quanto à esfera urbana e o setor industrial, Vargas também procurou administrar os conflitos entre os grupos empresariais e a classe operária. Ao invés de se postar como representante exclusivo de um único lado, Vargas teve a preocupação de fomentar ações que

atendiam às demandas da burguesia industrial ao se preocupar com a expansão da indústria de base através do investimento estatal. O Estado seria responsável por apoiar o crescimento da indústria a partir da criação das indústrias de base. Tais indústrias dariam suporte para que os demais setores industriais se desenvolvessem, fornecendo importantes matérias-primas. Várias indústrias estatais e institutos de pesquisa foram criados no período. Entre as empresas estatais criadas por Vargas, podemos citar a Companhia Siderúrgica Nacional (1940), a Companhia Vale do Rio Doce (1942), a Fábrica Nacional de Motores (1943) e a Hidrelétrica do Vale do São Francisco (1945).

Por outro lado, agradava as classes trabalhadoras com direitos e benefícios nunca antes concebidos na lei do país. Seguindo uma orientação de caráter populista, o governo preocupava-se em obter o favor dos trabalhadores por meio de concessões e leis de amparo ao trabalhador. Tais medidas resultariam na desmobilização dos movimentos sindicais da época.

Essas ações foram controladas por leis que regulamentavam o seu campo de ação legal. Assim, os sindicatos transformaram-se em um espaço de divulgação da propaganda governista e seus líderes, representantes da ideologia varguista. Couto (2004, p.95) afirma que,

A regulamentação das relações entre capital e trabalho foi a tônica do período, o que parece apontar uma estratégia legalista na tentativa de interferir autoritariamente, via legislação, para evitar conflito social. Toda a legislação trabalhista criada na época embasava-se na ideia do pensamento liberal brasileiro, onde a intervenção estatal buscava a harmonia entre empregadores e empregados. Era bem-vinda, na concepção dos empresários, toda a iniciativa do estado que controlasse a classe operária. Da mesma forma era bem-vinda por parte dos empregados, pois contribuía para melhorar suas condições de trabalho.

Nesse sentido, vê-se que as ações paternalistas de Vargas, dirigidas às classes trabalhadoras, foram de fundamental importância para o crescimento da burguesia industrial da época. Ao conter o conflito de interesses dessas duas classes, Vargas possibilitava o amplo desenvolvimento do setor industrial brasileiro. Além disso, o governo agia diretamente na economia realizando uma política de industrialização por substituição de importações.

Considerando ainda, as afirmações de Couto (2004, p. 104) de que,

O perfil das políticas sociais do período de 1937 a 1945 foi marcado pelos traços de autoritarismo e centralização técnico-burocrático, pois emanavam do poder central e sustentavam-se em medidas autoritárias. Também era composto por traços paternalistas, baseava-se na legislação trabalhista ofertada como concessão e numa estrutura burocrática e corporativa, criando

um aparato institucional e estimulando o corporativismo na classe trabalhadora.

Observa-se que Vargas procurou enfraquecer a ideia de que um determinado grupo social controlava a esfera política, dando lugar à imagem particular de Getúlio Vargas, um culto a pessoa do presidente, especialmente. Assim, ao longo de sua administração, o presidente assumiu o papel de intermediador político neutro e capaz de se colocar acima dos possíveis antagonismos que poderiam organizar a vida da nação. Abraçado pelo grande apoio das massas, a liderança personalista de Vargas se tornou mais significativa do que as tendências político-partidárias.

Nesse sentido, a formulação do Estado de Compromisso esteve intimamente relacionada com o desenvolvimento do populismo. Utilizando o poder político e os meios de comunicação de forma articulada, Getúlio Vargas construiu a imagem de um político preocupado com as questões nacionais e a soberania do povo brasileiro. Incorporava justificativas que o afastavam da obrigação de assumir uma ideologia clara e lhe garantia prestígio junto aos mais variados e antagônicos setores da população.

Entre os novos órgãos criados pelo governo, além do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) responsável por controlar os meios de comunicação da época e propagandear uma imagem positiva do governo, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), remodelou a estrutura do funcionalismo público prejudicando o tráfico de influências, as práticas nepotistas e outras regalias dos funcionários. Como verifica-se no relatório do Departamento referente ao ano de 1940, em que o relator Luís Lopes (1940.1941), declara a importância da racionalização do serviço público, e o referido autor salienta que:

Importantes e numerosos setores administrativos encontram-se hoje perfeitamente definidos, quanto ao seu aspecto formal, graças, sobretudo, à cuidadosa preparação de seus regimentos, levada a efeito de modo racional. Não se pode negar que a duplicidade de atribuições, a má distribuição de competência, a falta de fixação das atividades de cada serviço e da autoridade de seus agentes responsáveis, havia determinado uma organização administrativa inteiramente desajustada nas suas peças e, por isso mesmo, incapaz de se movimentar convenientemente, qualquer que fosse a forma de execução do trabalho administrativo e a excelência dos méritos nela empregados. Nessa ordem de realizações, a tarefa a ser cumprida ainda é grande, dada a extensão do problema e as dificuldades que se conjugam com a sua solução. Entretanto, a organização administrativa tem um outro aspecto e foi obedecendo a uma orientação técnica que se protelou o momento de encará-lo: o do funcionamento dos serviços públicos. A sua racionalização deveria ser precedida, obrigatoriamente, da

racionalização de estrutura e de outras medidas que lhe facilitassem o curso e tornasse natural a sua aceitação (LOPES, 1940.1941, p. 5).

A partir de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, uma importante questão política orientou os últimos anos do Estado Novo. No início do conflito, Vargas adotou uma postura contraditória: ora apoiando os países do Eixo, ora se aproximando dos aliados.

Nesse sentido, é importante ressaltar que mesmo tendo algumas diretrizes políticas semelhantes aos governos fascista e nazista, não é possível entender o Estado Novo como uma mera imitação dos mesmos, propriamente. Alguns pontos confrontam essa ideia, como a inexistência de um partido que intermediasse a relação entre o povo e o Estado, a ausência de uma política eugênica e a falta de um discurso ultranacionalista são alguns dos pontos que distanciam o Estado Novo do nazismo e fascismo.

E, nesse contexto de indecisão, a partir da concessão de um empréstimo de 20 milhões de dólares, os Estados Unidos conquistaram o apoio do Brasil contra os países do Eixo. A luta do Brasil contra os regimes totalitários de Adolf Hitler e Benito Mussolini gerou uma tensão política que desestabilizou a legitimidade da ditadura varguista. O posicionamento do Brasil fica claro no discurso de Getúlio Vargas na abertura da Conferência do Rio de Janeiro, como salienta Seitenfus (2003, p. 272-273),

Desde 7 de dezembro, data que constituirá um marco novo na vida das nossas comunidades, pois trouxe a guerra ao Continente Americano – assumimos uma posição decidida, coerente com a nossa tradicional política externa e fiel aos compromissos solenes, lembrados e reafirmados mais uma vez nos últimos tempos. A posição brasileira objetiva defender, palmo a palmo, o próprio território contra quaisquer incursões e não permitir que possam as suas terras e águas servirem de ponto de apoio para o assalto a nações irmãs. Não mediremos sacrifícios para a defesa coletiva, faremos o que as circunstâncias reclamarem e nenhuma medida deixará de ser tomada, a fim de evitar que, portas adentro, inimigos ostensivos ou dissimulados se abriguem e venham a causar dano, ou pôr em perigo a segurança das Américas.

Assim, o contexto internacional contribuía para criar um clima de insatisfação com a ditadura, encorajando os diferentes segmentos sociais a externarem suas críticas e descontentamentos ao regime ditatorial. A partir de 1943, começa a se articular o antivarguismo político que coincidirá com a formação do maior partido de oposição: a UDN - União Democrática Nacional. Essa frente de oposição que contava com apoio de parte dos setores agrários, do comércio importador e exportador, do capital financeiro e com alguns

setores da esquerda antipopulista, que posteriormente forma a Esquerda Democrática e o PSB – Partido Socialista Brasileiro.

Nesse cenário político conturbado, dentro e fora do país, os artistas de esquerda começam a se manifestar: “A relação dos intelectuais com o sistema de poder tem sido extremamente imbricada e complexa, uma vez que, ao longo da história, eles frequentemente se atribuíram a função de agentes da consciência e do discurso.” (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p.71).

Nesse sentido, a expressão da luta política na própria criação artística era encarada como a melhor contribuição que esses intelectuais poderiam dar, uma parcela de contribuição para despertá-lo de uma nova conjuntura para o país, a obrigação de engajamento político era uma constante.

A poesia também adquiria caráter combativo. As palavras reivindicam sua parte na luta contra a ausência da democracia e o totalitarismo. Carlos Drummond de Andrade, que assim como outros artistas modernistas estivera presente na programação do DIP para a criação de uma política cultural do país, participa desse processo ao escrever *A rosa do povo*.

Segundo, a afirmação de Velloso (1987, p.51), vários artistas modernistas estavam inicialmente integrados ao projeto cultural do Estado Novo,

Reunindo as correntes mais heterogêneas da intelectualidade brasileira como Carlos Drummond de Andrade, Oliveira Viana, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, Vinícius de Moraes, Gustavo Barroso, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e outros, o jornal procura atrair para o seio do Estado toda a elite intelectual do período, integrando-a ao regime. O mesmo ocorre com a revista *Cultura política*, que conta entre os seus colaboradores intelectuais com Nelson Werneck Sodré, Gilberto Freyre e até o próprio Graciliano Ramos.

Observa-se que os nomes Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes teriam em suas obras, espaço dedicado à denúncia dos horrores da guerra e à postura política combativa.

Outro aspecto importante que se destaca em 1943 é um documento intitulado *Manifesto dos Mineiros*, assinado por intelectuais e influentes figuras políticas, exigiu o fim do Estado Novo e a retomada da democracia, como afirma Castro (2014, p.29),

Se lutamos contra o fascismo, ao lado das Nações Unidas, para que a liberdade e a democracia sejam restituídas a todos os povos, certamente não pedimos demais reclamando para nós mesmos os direitos e as garantias que as caracterizam. A base moral do fascismo assenta sobre a separação entre os governantes e os governados, ao passo que a base moral e cristã da

democracia reside na mútua e confiante aproximação dos filhos de uma mesma pátria e na conseqüente reciprocidade da prática alternada do poder e da obediência por parte de todos, indistintamente.

Respondendo favoravelmente a essa reivindicação, Getúlio Vargas criou uma emenda constitucional que permitia a criação de partidos políticos e anunciava novas eleições para 1945. Nesse ínterim surgiram as seguintes representações partidárias: o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Democrata (PSD), ambos redutos de apoio a Getúlio Vargas; a União Democrática Nacional (UDN), vinculada à direita opositora de Vargas; e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que saiu da ilegalidade decretada anteriormente por Getúlio.

Em 1945, as medidas tomadas pelo governo faziam da saída de Vargas um fato inevitável. Os que eram contrários a essa possibilidade, organizaram-se no chamado Movimento Queremista.

O mito Vargas e o movimento que decorre dele, o queremismo, expressavam um conjunto de experiências que, longe de se basear em promessas irrealizáveis, fundamentadas tão somente em imagens e discursos vazios, alterou a vida dos trabalhadores. (FERREIRA, 2005, p.73).

Assim, com o lema “Queremos Getúlio!”, seus participantes defendiam a continuidade do governo de Vargas. Porém, mesmo contando com vários setores favoráveis à sua permanência, inclusive de esquerda, Getúlio aceitou passivamente a deposição, liderada por militares, em setembro daquele ano. Dessa maneira, Getúlio Vargas pretendeu conservar uma imagem política positiva. Aceitando o golpe, ele passou a ideia de que era um líder político favorável ao regime democrático. Essa estratégia e o amplo apoio popular, ainda renderam a ele um mandato como senador, entre 1945 e 1951, e o retorno democrático à presidência do Brasil, em 1951.

3 A VISÃO DRUMMONDIANA DE UMA SOCIEDADE POR MEIO DOS POEMAS: A FLOR DE NÁUSEA E ANÚNCIO DA ROSA

Os poemas de Drummond permanecem sempre atuais, na medida em que propõem a seus leitores de ontem e de hoje questionamentos diversificados sobre conflitos sociais. Diante de um mundo globalizado capitalista e consumista, é perceptível que o autor busca expressar uma relação do homem com o mundo.

Mediante os principais temas trabalhados nos poemas que compõem a obra *A Rosa do Povo*, é possível afirmar que esta testemunhou sua relação do autor perante a dor coletiva e a miséria do mundo moderno, com seu mecanismo, seu materialismo, sua falta de humanidade. Nesse sentido, essa fase enriqueceu sua essencialidade de lírica e emocional, e através da profunda consciência artística, o poeta atingiu plenitude e a humanização, sob uma forma suave e afetuosa, em que se mergulha no lençol profundo de sua província e de seus antepassados, para melhor compreender a angústia de seu tempo, o desapontamento do homem contemporâneo, com um largo sentimento de fraternidade, como afirma Lins (1947, p.83),

A Rosa do Povo, de Carlos Drummond de Andrade. Vejo antes de tudo nesta coleção dos seus últimos poemas, um movimento no mais fundo da zona subterrânea da criação, um conteúdo dramático que não decorre só da qualidade da poesia em si mesma, mas também dos seus elementos de contradição, fazendo crescer assim o ritmo da dramaticidade, no espetáculo de um poeta que procura equilibrar e fundir artisticamente duas tendências que o apaixonam numa época de agitações e divisões extremas, bem difíceis para os anseios de equilíbrio e paz.

Assim, o livro propõe o mesmo debate inesgotável sobre a situação do artista no mundo e sua posição em face dos problemas políticos e sociais do seu tempo. Em suma o livro é composto por cinquenta e cinco poemas, em que será analisado dois poemas, sendo “A Flor e a Náusea” e “Anúncio da Rosa”, uma vez que o poeta mostra-se comprometido com os problemas sociais, e questiona a existência do ser no mundo.

No poema “A Flor e a Náusea” o poeta busca o eu no mundo contornado pela guerra, levando em consideração que o autor faz parte desse mundo que causa náusea, ou seja, nojo e decepção. Desse modo, segue abaixo o poema:

A FLOR E A NÁUSEA

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
Fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres, mas levam jornais
e soletra o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo

e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 E lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se,
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

(ANDRADE, 1945, p.15).

Nos dois primeiros versos, o eu lírico se coloca diante do mundo caótico: o branco contrasta com a cinza. O branco da paz desejada circula sobre e entre a cinza dos destroços da Guerra. No quinto verso, o sujeito poético desenha a impotência de ser poeta em um mundo que se desfaz: ele não tem armas. Houve tempo em que se pensava que a poesia era a arma – caso dos Românticos, dos Realistas, dos primeiros modernistas. Diante da flor que mata que enoja – a bomba atômica -, a poesia é quase nada. O desconsolo do eu lírico representa o desconsolo do mundo, dos sobreviventes, diante do fim de uma era.

Nos versos 7, 8 e 9, ele define o tempo: tempo podre e pobre, tempo de fim. Tempo que, no verso 12, torna a pele um cofre de corrupção. Nos versos finais, a flor. Não a que perfuma e traz esperança. A flor que destrói: a bomba. O eu lírico constrói o caminho do ódio no poema e inverte, como a vida inverteu, as imagens: metáfora de alegria, a flor é construída como metáfora de destruição.

No poema “A Flor e a Náusea”, o poeta expressa um mundo de guerra, de injustiça, de covardia, um mundo desumano onde o ódio toma conta dos homens perante um mundo que

vive em crise, o eu questionando a frieza, a indiferença e o pessimismo, mas o impossível pode acontecer existe uma nova chance, ou seja, uma esperança.

Na primeira estrofe, percebe-se que o consumismo e o capitalismo estão empregados no poema, preso á minha classe e algumas roupas, de forma em que as roupas e a classe prendem o sujeito. O ser humano se depara com muitos problemas, obstáculos, o mundo está sombrio, o poema expõe fraturas sociais que causam enjoo. O eu lírico questiona uma época ruim, diante de uma vida e um cotidiano desagradável que causam náusea.

Na segunda e terceira estrofes está sugerido que as pessoas se fecham, ficam surdas diante dos acontecimentos. O eu lírico desenha um estado de depressão, de angústia e de impossibilidade frente ao um mundo sujo, pois a sujeira toma conta do olhar de cada um, os problemas causados pelos acontecimentos da época surgem e atingem a coletividade que vive que presencia a tragédia da época. E no poema mostra um mundo um lugar estagnado, no qual não se alcança nenhuma mudança, o poeta sente a necessidade de fazer algo para mudar a realidade. Na quarta e quinta estrofes, em meio a tantos conflitos, sente a necessidade de expressar a agonia de sua época, para isso ele representa o cotidiano da cidade e os fatos que ocorriam no mundo.

A poesia de Drummond nessa fase toma como tema a política, a guerra e o sofrimento do homem pela impotência e solidão, causadas pela frieza de um mundo que causa vômito, dessa forma o poeta representa o tédio sobre a realidade em que se encontra, ou seja, e isso causa nojo, pois as pessoas estão tão individualistas que não se comunicam, as notícias sobre os acontecimentos chegam pelos jornais, é perceptível como reduz o ser humano a um objeto.

Na sexta estrofe, nota-se a revolta do eu lírico que volta seu olhar para o período da Primeira Grande Guerra, quando o perigo estava com os “anarquistas”, ameaçando sociedades e religiões. O sujeito poético foi um socialista, queria manifestar a sua dor, revolta e seu desejo de transformação. E conseqüentemente o eu como intermediário da poesia.

E assim nas últimas estrofes, surge uma provável representação de angústia, que se transforma em engajamento e compromisso com a humanidade, refletindo um mundo com clima de aflição, no qual o indivíduo em crise identifica-se com uma atmosfera de esperança e vislumbra o novo. Diante de um mundo conturbado, o eu lírico expressa nojo, tristeza diante do mundo e das pessoas.

Proponho o estudo de outro poema drummondiano, que tem como imagem preponderante a flor, poema que é intitulado de “Anúncio da Rosa”. A metáfora da flor/rosa que Drummond traz aos poemas nos faz pensar acerca das inversões e dos contrastes impostos ao mundo pelo autoritarismo e totalitarismo da Segunda Guerra Mundial, ou seja, o eu lírico

situa seus poemas no tempo e no mundo, e é neste contexto que enfatizo a importância da rosa como símbolo maior da beleza e esperança. Nos dois poemas, a flor é algo valioso, não por sua “beleza”, mas por conduzir o leitor à tensão entre passado e presente, entre ordem e caos.

ANÚNCIO DA ROSA

Imenso trabalho nos custa à flor,
 Por menos de oito contos vendê-la? Nunca.
 Primavera não há mais doce, rosa tão meiga
 Onde abrirá? Não, cavalheiros, sede permeáveis.

Uma só pétala resume auroras e pontilhismos,
 Sugere estâncias, diz que te amam, beijai a rosa,
 Ela é sete flores, qual mais fragrante, todas exóticas,
 Todas históricas, todas catárticas, todas patéticas.

Vede o caule,
 Traço indeciso.

Autor da rosa, não me revelo, sou eu, quem sou?
 Deus me ajudara, mas ele é neutro, e mesmo duvido
 Que em outro mundo alguém se curve, filtre a paisagem,
 Pense uma rosa na pura ausência, no amplo vazio.

Vinde, vinde,
 Olhai o cálice.

Por preço tão vil, mas peça, como direi, aurilavrada,
 Não, é cruel existir em tempo assim filaucioso.
 Injusto padecer exílio, pequenas eólicas cotidianas,
 Oferecer-vos alta mercancia estelar e sofrer vossa irrisão,

Rosa na roda,
 Rosa na máquina,
 Apenas rósea.

Selarei, venda murcha, meu comércio incompreendido,

Pois jamais virão pedir-me, eu sei o que de melhor se compôs na noite,
 E não há oito contos. Já não vejo amadores de rosa.
 Ó fim do parnasiano, começo da era difícil, a burguesia apodrece.

Aproveitem. A última

Rosa desfolha-se.

(ANDRADE, 1945, p.78).

No poema acima, na primeira e na segunda estrofes o poeta anuncia seu próprio poema, o eu lírico busca por alguém (leitor) que admire a poesia e que compreenda e se sinta modificado por ela, Aqui, a flor é uma metáfora ainda mais complexa: no poema anterior, sua imagem remete à Guerra. Neste poema, sua imagem constrói uma relação metalinguística: parece simples o surgimento de uma flor, como parece simples o surgimento de um poema. Há uma ironia bastante corrosiva, com a busca poética da perfeição parnasiana.

O poema faz volta sobre si mesmo, isto é, *metapoema*, em que o eu lírico escreve sobre o próprio poema, a poesia e seu processo de criação. A princípio o este representa um aspecto vindo de um período de opressão marcado pela Guerra Mundial, trazendo traços históricos de uma preocupação social e política. É irônico, repito.

O poema que tematiza o fazer poético pode remeter à percepção de que escrever poemas em um tempo de destruição é “inútil”. Como as rosas, as flores em geral, se tornam inúteis entre destroços. Ou não?

Na quinta estrofe, o poeta quer fazer um bom negócio para um possível comprador ficar com a rosa, desde que o eu lírico chegasse a tal ponto desesperado que acreditasse que o mais importante fosse realmente levar a poesia adiante, ou seja, o poeta oferece sua própria poesia. Vale ressaltar que o título do poema “Anúncio da Rosa”, eventualmente está sendo anunciado como um produto do seu trabalho, a melhor forma de chegar às pessoas. Ou anúncio de esperança, em meio à dor?

Neste sentido, o sujeito poético está fazendo propaganda da poesia para que as pessoas O lirismo social está inserido no poema, é parte de uma época, é parte da vida que aqueles possuem uma ótica diferente, dada a sensibilidade do poeta. Desse modo, o eu lírico traz a flor para que as pessoas possam se interessar por ela, já que o autor se depara com a realidade e filtra isto na pura ausência da poesia, ou seja, contexto social da época, um foco no engajamento e a preocupação social da obra.

comprem a rosa. Refletindo um pouco: não seria exatamente nesse momento de caos, que a “compra” das flores seria necessária? A “inutilidade” das flores não seria com precisão a sua extrema necessidade?

Na sexta estrofe, há uma reflexão essencial, pois é no verbo poético que se torna saliente o confronto entre ser e tempo, tempo e espaço, podendo ampliar ou corrigir detalhes da sua inesgotável memória, das suas andanças pelas ruas, avenidas e encruzilhadas do século. Na sétima estrofe, o eu lírico pode referir-se ao começo de uma época de ignorância partindo da classe alta, ou seja, a burguesia é culpada pelo consumismo alienado em nossa sociedade. Nesse sentido, o eu lírico mostra a injustiça e põe frente à situação.

Na oitava e última estrofe, vale ressaltar que o eu lírico percebe nessa estrofe que o seu trabalho não faz nenhuma diferença, e ele tenta mostrar como isso é importante, quando anuncia como a realidade é por trás da propaganda, portanto o poeta mostra que a poesia é incapaz de alcançar o outro, ou ainda menos provável, o fato de a fragilidade da rosa do poema, esconde a grandiosidade da poesia.

Dessa maneira, percebe o conhecimento propiciado por sua experiência particular, sentindo o gosto nojento de um século que, depois de se debater entre duas violentas guerras mundiais e muita ditadura, passou a viver um curto período de tranquilidade e bem estar para, finalmente, mergulhar de ponta-a-cabeça na miséria, na indignância ética e na autodestruição.

4 LENDO POESIA, LENDO DRUMMOND

À primeira vista, ler um poema é bem mais fácil que ler um conto, uma novela ou um romance. Mas não é bem assim. Por quê? Os poemas, em geral, são curtos, poucas palavras, rimas, ritmo. Esses recursos, em geral, “facilitam” a leitura. Mas, exatamente pelas características acima citadas é que ler um poema, e analisá-lo, é tão complexo.

Como são, normalmente, textos pequenos, o sentido vem condensado, altamente entrelaçado às poucas palavras que apresenta. Desmontar e entender um texto poético exige do leitor uma atitude “detetivesca”. É preciso desconfiar de todas as pistas deixadas pelo eu lírico. É preciso ser extremamente curioso. No caso dos poemas drummondianos estudados acima, a pista foi à metáfora da flor.

Cada palavra posta em um poema é um mundo à parte e, simultaneamente, um mundo em interação com outros universos, próximos e distantes. Cada palavra tem um feitiço próprio. No cotidiano, as flores representam amor, alegria, felicidade, prosperidade.

Nos poemas estudados, a flor aparece como a destruição, à morte; a rosa surge como modo irônico de romper com as marcas de alienação do poético.

As rimas brincam com o leitor. Muito mais que um recurso mnemônico, que dá ao texto uma feição poética (para os leitores mais tradicionais), a rima é uma chave para que se entre no espaço de significação textual. Sua ausência também. Há leitores que só conseguem ler poemas rimados, pensam que a rima é que traduz o poético. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Drummond, como bom Modernista, não trabalha com rimas: sua ausência pode representar o desconforto que o poema precisa causar no leitor, para que este reflita sobre o que o cerca.

O poema traduz uma visão de mundo pessoal, típica de um dado sujeito poético em um determinado momento e em um certo espaço. Rimar ou não rimar não faz de ninguém um poeta.

O ritmo, por sua vez, embora não exista apenas no texto poético, também traz um caminho particular para a investigação do poema. Combinando metros específicos, o eu-lírico pode nos levar a sentidos inusitados, abrindo horizontes que sequer imaginávamos. A metrificação nos poemas estudados é insólita: cada verso tem uma medida diferente, o que rompe com padrões de leitura construídos pelo Parnasianismo, por exemplo.

É possível perceber, então, que ler um poema não é fácil como ler uma página de gramática, de história ou, até mesmo, um conto e uma crônica. Ler um poema é criar poesia dentro de nós, é ser um pouco poeta também. Portanto, ler os poemas drummondianos é

acima de tudo um modo de nos reconstruirmos como seres sociais, nos tornando seres melhores, mais atentos aos acontecimentos que nos cercam. Cruz (1949, p.37) a salienta que,

A necessidade profunda de se expressar leva o poeta a exercitar a linguagem para que ele possa explorar sua visão do mundo, afugentando alguns fantasmas. Como reinventar para a posteridade o que sinto sobre o que observo no tempo existencial. Essa visão do mundo será mais comunicativa com os contemporâneos e com futuras gerações por conta da intensidade criativa do poeta, que acaba afastando-se de modelos e procurando tirar de si o máximo em sinceridade e expressão.

Os poemas “Flor e a Náusea” e o “Anúncio da Rosa” contribuem para entender os conflitos sociais e o indivíduo frente aos problemas do mundo, diante disso é que se pode reagir e conscientizar-se que o mundo ainda está em crise e com as leituras que são realizadas, é possível nos posicionarmos como cidadãos a procura de soluções, para tantos entraves presentes na sociedade.

A obra de Drummond é como um espelho de nós mesmos, grandiosa sabedoria espalhada em versos que encantam e nos remetem para um contato maior com nossas angústias, decepções e inquietações que nos provocam. Para Cruz (1949, p.59),

O poeta percorre durante seu período escreveu muito e com profundidade, clareou arestas, investigou fantasmas, multiplicou-se, inovou-se. Drummond é uma voz em sintonia com as coisas, poeta, que em sua vivência e amadurecimento, apenas testemunhou a falta de amor pelas quais o ser humano tem passado desde que é gente. A tentativa de mudar para melhor o indivíduo, de compreendê-lo em todas as suas nuances, de ouvi-lo, em seus confins e abismos, moldou o itabirano numa constante busca de si mesmo, numa intensa penetração na alma de tudo. Drummond nos sentiu e nos traduziu, reluziu em seus poemas com inteligência e simplicidade, conseguiu nos ampliar compreendendo, em sua intuição de grande poeta, nossa pequenez e nossa eterna maldade sem fim. Drummond nos traz paz, mas também nos remete aos vendavais do mundo, aos sinais de amor no imundo homem desestruturado interiormente, decadente indivíduo ferindo-se continuamente, distanciando-se da pureza, sempre.

Diante disso Drummond teve o cuidado de relacionar os fatos históricos daquela época agitada nos seus poemas, dos homens que viviam frente a um mundo capitalista no qual os poemas da obra baseiam-se em fatos reais que não se distanciam do autor. A época foi extremamente marcada por desastres que abalaram não só para o poeta, mas os brasileiros, e o mundo, dessa maneira Drummond constrói uma ponte com a história e a poesia, produzindo um contexto original.

Carlos Drummond de Andrade considerava importante a poética para aguçar a sensibilidade estética do ser humano e possibilitar que ele se aprimore em seu trajeto existencial, pelo conhecimento grandioso de encarar os imprevistos do mundo, Drummond nos trouxe, além de uma obra literária vasta, um esclarecimento mais amplo de nossas próprias atitudes, mostrou que é possível agir com humilde, a fim de construir um planeta mais afetuoso, mais digno de vida. Drummond é infinito, grito de fraternidade sobre a nossa escuridão, visão única de tudo que nos cerca.

Em suma Drummond ficou reconhecido como um dos melhores poetas brasileiros, por ser um poeta que mostrou aos seus leitores diversos problemas sociais, políticos e econômico. E assim a poética drummondiana apresenta-se como um compromisso com a humanidade de sua época e épocas posteriores também, pois, a escrita dele permanece refletindo até os dias atuais.

5 CONCLUSÃO

Literalmente pensando nos estudos feitos no decorrer desse trabalho penso que não foi nada criado ontem, ou seja, de “supetão”, mas algo já planejando no decorrer da graduação. É dessa forma que penso como Carlos Drummond de Andrade é um poeta dedicado, difícil e desafiador, mas a partir do momento que começamos a estudar não queremos nunca mais parar, e foi assim que me apresentaram Drummond, me situaram na época e na história que vinha por traz de um trabalho belíssimo do ilustre poeta, e falar de história é falar de vida, de acontecimentos e de momentos que marcaram uma época.

No decorrer dos semestres, quando quis trabalhar com Drummond queria entender como essa matéria poética está ligada à história, por isso os seus poemas não podem passar despercebidos, porque por trás dele há uma fonte rica que marca a nossa vida, levando-nos a uma época que não vivenciamos, mas foi real e que em pequenos versos, em uma escrita condensada, denuncia um sentimento de aflição. Podemos ler seu trabalho e situar em momentos que foram nossos, meus, seus e de todos nós.

Drummond se preocupou com a realidade, ele buscou profundamente trabalhar com questões que o atingiam e atingiam todo o mundo. O poeta escreve para o povo, porque de certa forma ele quer mostrar para o povo que a sua preocupação está na realidade de cada verso imaginado.

Sua angústia, com o mundo e o homem do seu tempo, é denunciada com a representação poética, metafórica, da estupidez humana, e assim os poemas podem ser significativos para quem viveu na época desses acontecimentos e para quem o lê hoje.

Diante do livro *A rosa do povo* e desses acontecimentos percebo uma época marcada por fatos que ficaram na memória de muita gente. Então com a leitura de vários trabalhos de Drummond escolhi analisar os dois poemas acima enfocados, pois ele foi original, ele se preocupou de verdade, ele construiu poemas que nos provocam, por relações mnemônicas e históricas, a uma reflexão sobre importante período da história ocidental e da história brasileira.

Quando busquei analisar os dois poemas “A Flor e a Náusea” e “Anuncio da Rosa”, é porque só o nome do título do livro “*Rosa*” me remete à esperança e transformação, todavia os poemas mostram que, diante de desastres como as guerras, ditadura Militar e crise financeira, as flores não bastam, a ironia que reside em sua utilização metafórica determina a importância de se ter esperança sim, mas de que não é fácil construir e reconstruir mundos e vontades.

Portanto é essa ligação que acaba fazendo muitos se interessarem e se conhecerem melhor através da poesia drummondiana, pois seu eu lírico cabe em nós e o leitor que se coloca diante da lírica do poeta pode transformá-la sendo por ela também transformado.

Vale ressaltar que a importância da leitura da obra é um novo olhar diante do mundo, pois a partir da leitura do livro *A rosa do povo* posso fazer um paralelo entre a nossa história, sobre lastimáveis acontecimentos que marcaram para sempre o nosso Brasil e o mundo que diante disso podemos formar.

A leitura da poesia drummondiana ensina formas diferentes de ver e estar-no-mundo e propicia uma relação ampla e crítica com os valores sociais contemporâneos, contribuindo para a formação de um sujeito-leitor crítico-reflexivo, ativo em suas decisões sociais perante a sociedade e o mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**: conforme as disposições do autor. 1.ed. 3.impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. **A Rosa do Povo**. 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 1936.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CASTRO, F. C. **A oposição liberal ao fascismo varguista**: O Manifesto dos Mineiros. Disponível em: <http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/MINEIROS.pdf>. Acesso em: 21.jun.2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio; Coutinho, Eduardo de Faria Coutinho. **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EdUFF, 1986.

_____. Nota editorial 1ª ed. **Da Obra Completa de Carlos Drummond de Andrade** Volume único. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

COUTO, Berenice Rojas. **O Direito Social e a Assistência Social na Sociedade Brasileira: uma equação possível?** São Paulo: Cortez, 2004.

FAUSTO, B. 1994. **A revolução de 30: historiografia e história**. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**: getulismo, PTB e cultura política popular. 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOUCAULT, M. e DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

GONZALEZ, Cruz Domingo, 1949. **Conversas sobre poesia com Carlos Drummond de Andrade**. 1ªed. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2012.

LOPES, Luis S. **Relatório das atividades do DASP em 1940.1941**. Rio de Janeiro, BMHS, FGV: 5

SANTIAGO, Silvano. **Carlos Drummond de Andrade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHAFRANSKI, Silvia Maria Derbli. **Direitos Humanos & seu processo de universalização**. Análise da convenção americana. Curitiba:Juruá Editora, 2003.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**: O processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Barueri: Manole, 2003.

PASCHOAL, F. J. **Getúlio Vargas e o DIP: a consolidação do“marketing político” e da propaganda no Brasil**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-7a14.pdf>. Acesso em: 25 jun 2014

ROSSI, V. J. **As duas faces do primeiro Governo Vargas**. Disponível em: <http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/as-duas-faces-do-governo.pdf>. Acesso em: 21.jun.2014.

TELES Gilberto Mendonça. **Seleta em Prosa e Verso**. Seleção do autor e introdução e notas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

VELLOSO, M. P. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

SITES CONSULTADOS:

A literatura na Primeira Guerra Mundial. In.: <http://www.dw.de/a-literatura-na-primeira-guerra-mundial/a-17606784>. Acesso em 04 de junho de 2014.

Modernismo (segunda geração). In.: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=definicoes_texto&cd_verbete=12178&lst_palavras. Acesso em 04 de junho de 2014.